

versão curta p: o JL

"Que fait un regard
que rien n'arrête?"

- Guillevis



O que me tem maravilhado em Eduardo Lourenço é a sua capacidade de pensar profundamente a partir de factos aparentemente banais.

Não houve sobressalto desta nossa às vezes telenovela política, não houve episódio discreto ou forte, não houve circunstância susceptível de inflectir a história, que deixasse intocado o sísmografo ultra-sensível da reflexão de Eduardo Lourenço. As palavras de um, o gesto de outro, os silêncios de alguns, as grandes questões institucionais, as pequenas questões da relação de forças na corrente quotidiana da sociedade, tudo tem sido metamorfoseado, pelas palavras de Eduardo Lourenço, em outros tantos marcos do nosso caminho democrático, deste nosso aprender ainda tão balbuciante.

Quem quiser um dia exprimir o que de mais forte e independente existiu como pensamento democrático após o 25 de Abril, deverá necessariamente agarrar nos textos de Eduardo Lourenço e com eles construir uma antologia do pensamento e do comportamento democráticos.

Para tudo olhou e de tudo extraiu a raiz, o sentido, o porquê e o como. Tudo lhe foi ocasião de reflexão - e em cada ocasião transpareceu o vigor da cultura europeia de que muitos se reclamam sem lhe conhecerem o gosto nem a densidade. Quando os acontecimentos pareciam aqui, de qualquer varanda lisboeta, apenas o fruto da incompetência lendária de uns, da perene hesitação de outros, da epidemia de passividade galopante de muitos, da ausência de imaginação e de vontade de quase todos, quando tudo parecia trivial e sem fôlego, Eduardo Lourenço retirava dessa ganga informe, pela alquimia de uma acutilante lucidez e de uma palavra sempre precisa e exacta, o grama de ouro cujo brilho dava novo sentido à construção em que nos empenháramos.

Os factos que íamos vivendo, encarados à luz das grandes questões que se punham na Europa e no mundo, pareciam insignificantes e vazios de futuro. Mas até esses factos - que mal chegavam a se-lo por se perderem na simples agitação de superfície - quando trabalhados por Eduardo Lourenço, ganhavam relevo na paisagem chata, adquiriam um significado que lhes dava medida histórica. A pertinácia de Eduardo

Laurenço, o seu contínuo "martelar" na matéria compacta do nosso mundo político, teve, em cada caso, essa impressionante consequência: as histórias transformaram-se e passaram a ser História.

O olhar agudíssimo e vivo de Eduardo Laurenço, esse seu olhar que distingue, separa, e vai captar na sua mira, com microscópico zelo, a pessoa ou a ideia, é um olhar que restitui ao outro a dignidade, e lhe retribui a sua singularidade. É um olhar criador. Faz o que nesta incipiente democracia ainda se não tornou hábito de convivência e de trabalho: separa para poder unir, distingue para poder congrega e fazer convergir. Os factos e as suas raízes, as pessoas e as suas motivações, os acontecimentos e os seus labirintos, são por ele olhados com a inocência e o cêpticismo de quem, tendo visto muito, sabe que ainda não viu nada.

Talvez por isso o olhar de Eduardo Laurenço seja mais que um simples olhar curioso sobre o que acontece. Há nele uma dimensão outra que nos ultrapassa. Não é só a explicação do encadeado (i)lógico das coisas. Não é só a ligação escondida, vista por dentro, entre seres e ideias. É que esse olhar exprime o que de mais profundo a curiosidade tem: o desejo insaciável de penetrar o invisível.

Fundação Cuidar o Futuro

Maria de Lourdes Pintasilgo

